

ENSINO DE PORTUGUÊS DO BRASIL PARA ESTRANGEIROS: internacionalização, contextos e práticas.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral (Org.). Rio de Janeiro: WAK; Epublik, 2016. 204p.

Débora Marinho Guerra
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Em um momento de incertezas políticas e econômicas pelo qual o Brasil passa, afetando as ações de internacionalização, passada a época em que o Brasil sediou eventos mundiais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas; e, ainda quando o noticiário privilegia a divulgação massiva de fatos negativos sobre o Brasil, levando muitos brasileiros a saírem do País, vale a pena a leitura deste livro.

De modo bastante amplo, ele traz certo sentimento de confiança tanto para a área quanto para o país. Na contramão desses fatos, ele apresenta um olhar positivo para a área de Português para Estrangeiros, reunindo trabalhos de profissionais engajados em melhorar a visão do Brasil e dos brasileiros dentro e fora do país e lembra as inúmeras possibilidades de atividades na área de ensino de português a falantes não nativos, que podem incluir brasileiros surdos e indígenas, falantes bilíngues das fronteiras do Brasil e estrangeiros em situação de acolhimento em número cada vez maior no Brasil. Estes fatos indicam que o compromisso com o ensino de português e com a sua divulgação em nível mundial requer apoio mútuo entre os profissionais do ensino de português do Brasil, seja a falantes estrangeiros ou não.

Dessa forma engajada, a obra está organizada em cinco partes, se considerada a *Apresentação*, escrita pelo organizador do livro. Além de apresentar brevemente os artigos, esta parte é um convite a exercitar a empatia, provocando o leitor a refletir brevemente sobre o falante nativo e o falante estrangeiro, que olham para a mesma língua sob perspectivas diferentes. As demais partes reúnem em quatro eixos temáticos os catorze artigos que compõem a obra.

O primeiro bloco (*Português do Brasil: internacionalização, políticas e contextos*) consiste em abordar a projeção do português do Brasil

no mundo e o estágio em que se encontra esse ensino no cenário mundial desde o século XVII, apontando expectativas atuais para mantê-lo e torná-lo mais sólido. Seus três primeiros artigos apresentam algumas possibilidades de trabalho e pesquisa na área de Português para Estrangeiros. No texto de José Marcelo Freitas de Luna, por exemplo, ele considera cientista aquele que reúne as perspectivas historiográfica e intercultural em sua pesquisa. Graças à abordagem historiográfica, o professor de línguas passa a reconhecer os reais avanços no seu campo de estudo, a ter uma visão panorâmica do processo de implantação e consolidação da área e a desenvolver um conhecimento profundo do pensamento linguístico e das práticas de ensino de línguas.

Além disso, a historiografia revela que o analfabetismo entre os países lusófonos está relacionado à desqualificação da cidadania de suas populações. Isso repercute na projeção internacional desses países e da língua portuguesa. Assim, o trabalho dos profissionais do ensino de português a falantes nativos, em todos os países lusófonos, também importa para a divulgação mundial da língua.

Dando sequência à esfera profissional e mercadológica da área de Português para Estrangeiros, Rosa Marina de Brito Meyer trata mais especificamente do trabalho na universidade, onde se tem tanto o ensino *de* português para o público estrangeiro quanto o ensino *sobre* português para estrangeiros, voltado àqueles que buscam atuar na área ou desenvolvê-la, isto é, se refere à formação. É flagrante, inclusive, a necessidade de atualização dos cursos de Letras em geral para formar profissionais específicos para atuar na área.

Encerrando a visão panorâmica da internacionalização do português do Brasil e do seu ensino, o artigo de Gabriela Marques-Schäfer e Ebal Sant'Anna Bolacio Filho traz a ótica do ensino de português como língua de herança do século XIX à atualidade. Essa é uma das vertentes de interesse dos alemães em aprender português e um dado curioso é que o ensino de português na Alemanha, iniciado efetivamente há dois séculos, e ainda hoje tendo procura, carece de profissionais qualificados, em concordância com o artigo anterior.

O segundo (*Português para Estrangeiros: léxico, cultura e gramática*) e o terceiro (*Português para Estrangeiros: práticas e recursos didáticos*) blocos são complementares por tratar mais especificamente do ensino de português para estrangeiros em termos didático-metodológicos, este sob a perspectiva das práticas de ensino e escolha e elaboração de

materiais didáticos, aquele sob a perspectiva de alguns conteúdos a serem ensinados. Laura do Carmo começa essa seção de textos apresentando os vários sentidos de *brasileirismos* em dicionários do século XIX. Seu artigo abre caminhos para se pensar sobre a dinamicidade da língua e sua difusão entre os países que a falam, fator determinante para julgar um termo *brasileirismo* ou não, e a confecção de dicionários de português do Brasil para falantes não nativos.

O assunto ganha aplicabilidade no capítulo de Flávio Barbosa que aborda o projeto de um dicionário pedagógico de língua portuguesa para alunos de português como língua não materna, desenvolvido por participantes de outros dois projetos do Departamento de Língua Portuguesa, Filologia e Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da UERJ: de um lado o Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua (NUPPLES), que fornece experiência de ensino acumulada, e de outro, o Centro Filológico Clóvis Monteiro (CEFIL), que fornece a prática lexicográfica.

Seguindo a observação de que o ensino de português para estrangeiros requer práticas específicas, o artigo de Denise Salim Santos propicia refletir sobre conteúdos da Lexicologia que auxiliam a relação entre língua e cultura. A autora trata de fraseologismos que geralmente contam episódios da história de um povo. Eles ajudam a entender determinados comportamentos ou ritos sociais dos brasileiros, permitindo aos estrangeiros desenvolver competências semântico-pragmáticas, necessárias ao bom uso da língua. Scheila Mejlachowicz, por sua vez, traz ao leitor a metáfora como causa da ambiguidade que gera o humor na propaganda, característico desse gênero. Trabalhar a metáfora é permitir um falante não nativo acessar o conhecimento compartilhado entre os falantes nativos para compreender o humor e também ampliar o vocabulário e desenvolver a competência para usá-lo adequadamente.

A preocupação em inserir o estrangeiro na cultura da língua-alvo permeia os artigos da segunda e terceira partes por explorarem conteúdos linguísticos e formas de ensiná-los dentro do contexto brasileiro. Nesse sentido, os dois artigos seguintes tratam de gramáticas pensadas para o ensino de português para estrangeiros e guardam relação com os outros quatro artigos desta parte ao apontar a cultura como elemento indissociável da língua.

Liliane Santos se dedica a apresentar elementos teórico-metodológicos para construir uma gramática dos atos de fala do português que

serviria à consulta para estudos acadêmico-científicos desses mecanismos. Isso visa melhorar a competência comunicativa do estrangeiro e evitando que este quebre regras sociais. Adriana L. do Prado Rebello e Maria Cecília G. Carvalho, por sua vez, pensam uma gramática que facilite diretamente a prática em aulas de português para estrangeiros. As autoras propõem uma gramática funcionalista do discurso que considere os aspectos extralinguísticos do emprego de alguns sufixos, observando que a gramática e outros materiais didáticos, voltados para o ensino a nativos e não nativos, não dão conta de apreender as nuances do uso e se restringem à estruturação da forma, o que justifica novamente o ensino de língua e cultura-alvo juntas.

Prosseguindo com questões sobre práticas de ensino e elaboração de materiais didáticos e expandindo-as para a questão da qualificação profissional do professor de português para estrangeiros, a segunda metade do livro traz cinco artigos que fomentam a discussão nesses sentidos. Na primeira parte desta metade (terceiro bloco), observam-se a preocupação e o cuidado que já se tem em elaborar recursos e materiais didáticos que apresentem a cultura e os usos linguísticos de forma mais autêntica. Uma ideia bastante inovadora com relação a isso é a de Vivian Flanzer.

Tendo notado, desta vez fora do país, a escassez de materiais didáticos adequados para ensinar a língua e a cultura brasileiras, ela criou o *website ClicaBrasil*. Sua ideia é elaborar seus próprios materiais didáticos com leituras que mostrem uma visão menos estereotipada do Brasil e que ao mesmo tempo contenha explicações sobre aspectos da sociedade brasileira por vários brasileiros como forma de aproximar ao máximo os estrangeiros da cultura brasileira. Seu artigo corrobora a necessidade de os professores elaborarem seus próprios materiais didáticos.

A propósito de se ensinar português fora do Brasil, Cirlene Sanson e Norimar Júdice alertam para o cuidado na elaboração de materiais ou na utilização de materiais já prontos, especialmente os produzidos no exterior. Nesse âmbito, as autoras analisam um livro didático de português para estrangeiros, publicado na França e problematizam o tom mais positivo ou mais depreciativo em relação à cultura veiculado pelos livros didáticos que pode influenciar o estrangeiro a ter uma atitude mais receptiva ou esquiva em aprender o português.

Também preocupadas com a maneira como a cultura brasileira é apresentada em materiais didáticos de português para estrangeiros, Danússia Torres dos Santos e Tatiana Corrêa da Silva analisam como as propos-

tas de leitura são encaminhadas em dois livros didáticos. Dentre os vários aspectos que analisam, dois deles são (1) o papel do leitor na negociação de sentidos e (2) a autenticidade dos textos. Cabe ao professor decidir pelo material mais adequado para suas aulas e criar uma visão crítica dos materiais, disponíveis no mercado.

Contudo, a autonomia e a segurança, além da visão crítica, para realizar tal escolha são adquiridas, mais do que com a prática, também com uma formação especializada na área, fator redimensionado nos dois últimos artigos do livro, que integram o quarto e último bloco (*Português Língua Não Materna: sala de aula e formação de professores*). Este aborda a formação especializada na área, uma necessidade latente entre os profissionais que atuam nela.

Nessa direção, Daniel Augusto de Oliveira e Denise Barros Weiss revelam a fragilidade dos papéis dos atores das situações de ensino-aprendizagem na sala de aula. Tratam de uma atividade didático-pedagógica elaborada e controlada pelo professor, mas sem sua interferência durante a execução, para facilitar o equilíbrio das relações entre os alunos de culturas e línguas diferentes, suavizar possíveis choques culturais e prever e impedir possíveis conflitos.

Assim, a competência não só para escolher, modificar e elaborar materiais didáticos que integrem os estrangeiros à cultura-alvo, mas também a competência para gerir uma aula de português cujos alunos são de diversos países requer uma sólida formação profissional especializada. Atentos a essa realidade, Amélia Escotto do A. Ribeiro, Alessandra R. Baptista e Alexandre do Amaral Ribeiro convidam o leitor, no último artigo da obra, a refletir sobre uma aparente controvérsia: diante de tantas pesquisas acadêmicas sobre o ensino de português para estrangeiros, como está a questão da formação docente? Na verdade, a maioria das pesquisas se ocupam de aspectos relacionados a materiais didáticos e práticas de abordagem e ensino de determinados conteúdos, porém não são suficientes no que diz respeito à orientação para a formação do professor de português para estrangeiros. Daí decorre que dominar técnicas e dispor de materiais didáticos relacionados a elas não capacitam o professor a atuar nos diversos contextos que esta área oferece e nem o habilitam a ter visão crítica sobre a área e a elaborar estratégias para harmonizar a aula com falantes de diversas línguas. Persiste, portanto, a necessidade de formação intercultural e didático-pedagógica dos professores de português para estrangeiros e, conseqüentemente, a necessidade de atualização dos

Cursos de Letras para formar profissionais habilitados para atuar nesta área. Este livro, como um todo, é um esforço também neste sentido.

Recebido: 30/04/2018

Aceito: 14/09/2018